

## Cidade, Casa e Igreja: sobre Catingueira, seus adultos e suas crianças<sup>1</sup>

*Flávia Ferreira Pires* Conta-se que, em finais do século XIX, o vilarejo que se constituía às margens de um pé de catingueira<sup>2</sup>, dando repouso aos viajantes e comerciantes de passagem entre as cidades de Piancó e Patos (Paraíba), foi salvo de uma peste de cólera, através de uma promessa, pelas graças de São Sebastião. Ao santo é atribuído o dom de exterminar a fome, a peste e a guerra. São Sebastião cumpriu a sua parte na promessa: ninguém adoeceu no vilarejo<sup>3</sup>. O pagamento da promessa compreendia a construção de uma capela e a doação ao santo de todo o lugarejo que, hoje, compreende parte da Serra da Catingueira<sup>4</sup>, da cidade e da área rural. Para saldar a dívida da promessa, foi preciso unir quatro famílias distintas que doaram parte de suas propriedades ao santo, o que posteriormente constituiria a cidade<sup>5</sup>. Assim, juridicamente, todos os terrenos da cidade se tornaram propriedade do santo. Ainda hoje, a maioria dos terrenos na cidade pertence ao “Patrimônio de São Sebastião”. Quem mora nos terrenos do santo paga uma quantia anual à igreja, chamada foro, uma espécie de aluguel pelo uso da terra. O pagamento do foro é calculado a partir da extensão frontal do terreno. A cada metro, paga-se R\$ 1 por ano (pelo menos desde o ano 2000 até 2005). Os moradores que desejam ser donos do terreno onde construíram as suas casas podem negociá-lo, dependendo da política adotada pelo bispo<sup>6</sup>.

Além da igreja católica, na cidade há também um centro espírita de linha kardecista e três igrejas evangélicas, dentre as quais a Assembléia de Deus é a mais antiga e com maior número de fiéis. Para completar o quadro religioso evangélico temos, por fim, as igrejas Seguidores de Cristo e Pentecostal do Evangelho Amor de Deus<sup>7</sup>. Na cidade de Catingueira, apesar da presença do protestantismo e do espiritismo kardecista, o catolicismo é a religião predominante. Como se vê, a própria constituição da cidade está ligada ao catolicismo e à fé em um santo. Neste contexto, descrevi alhures que o santo padroeiro é um mediador entre as religiões representadas<sup>8</sup>.

Quanto à localização geográfica, a cidade de Catingueira situa-se na região do semi-árido nordestino, no chamado Vale do Piancó, na parte oeste do Estado da Paraíba. Catingueira é um município onde estima-se que metade da população viva na área rural. Essa população dos “sítios” (zona rural) vive basicamente do

plantio em pequena escala do milho e do feijão, ambos para a subsistência e para o comércio de excedentes, embora muitas famílias que vivem na cidade também contem com a colheita do seu roçado para garantir a sobrevivência. Dependendo da localização do sítio, pode-se plantar também arroz, que “gosta” de terrenos alagáveis, chamados de “baixios”. Além disso, algumas famílias cultivam também a batata doce, a macaxeira e o maxixe em menor escala. O cultivo de frutas não é tradicionalmente popular. O plantio e a colheita seguem o calendário das chuvas, o chamado inverno, que normalmente tem início em janeiro, com as celebrações em honra de São Sebastião, e finda em junho, com as celebrações de São João, São Pedro e Santo Antônio. Em Catingueira não se utiliza irrigação na agricultura, apesar de não faltar água na cidade desde a construção do Açude dos Cegos, na década de 1990. As famílias que vivem em propriedades de terceiros plantam no sistema de terça parte ou meia. Quando o “ano é bom”, isto é, quando há excedentes – geralmente o milho e o feijão – eles são vendidos (ou trocados) ao longo do ano para a compra de outros gêneros de primeira necessidade. As famílias geralmente criam animais, como galinhas, bode, porco e jumento. Na cidade, criar animais de pequeno e médio portes é, basicamente, tarefa feminina. Criam também gado, porém em escala bem reduzida, já que, na estação da seca, falta-lhe alimento, devido aos pastos ficarem ressequidos. É considerado um bom negócio criar o gado no inverno (estação das chuvas) e vendê-lo ainda gordo quando estas começam a escassear, no início do verão (estação da seca). Na seca, o preço do gado cai drasticamente, assim como seu peso.

Na cidade, as famílias vivem basicamente dos benefícios do governo federal (bolsas e aposentadorias), de alguma plantação ou criação de seu roçado ou *muro* (terreiro, quintal) ou, quando possuem, de um emprego na prefeitura. Comenta-se na cidade que hoje em dia ninguém mais quer trabalhar nas roças, porque o serviço é considerado pesado e difícil. Com isso, cada dia mais famílias vão morar na cidade, criando um problema econômico e social, dado o enorme *déficit* de empregos. O raciocínio é o seguinte: ‘Bem ou mal, no sítio a pessoa pode plantar um feijãozinho e a alimentação da família fica garantida. Na cidade, a pessoa não encontra trabalho e não tem nem como alimentar os filhos’. Infelizmente, não posso confirmar com dados estatísticos este êxodo rural. Porém, “conseguir” um emprego na prefeitura é uma grande aspiração da maior parte da população. O emprego na prefeitura é altamente valorizado pela estabilidade que implica. Estabilidade é entendida como a certeza de receber aquele salário no final do mês, o que possibilita, por exemplo, o planejamento da compra de bens duráveis. Mas é interessante constatar que esta reconhecida estabilidade é compatível com o fato de que a cada novo prefeito ocorrem mudanças drásticas no quadro de funcionários, os quais são substituídos em função dos laços de amizade ou parentesco com o candidato a prefeito vitorioso. A necessidade de trabalhar na prefeitura, já que não há na cidade outros empregadores – senão as vendas e os bares (que geralmente utilizam mão de obra familiar) – cria relações de co-dependência entre os políticos e a população<sup>9</sup>. A prefeitura, por sua vez, sustenta-se financeiramente através do dinheiro do Fundo de Participação dos Municípios e do Imposto Territorial Rural. Na cidade, não há fábricas ou indústrias.

Alguns meninos complementam o orçamento familiar fazendo pequenos serviços, como capinagem de terrenos, venda de picolé (conhecido alhures como sacolé ou chup-chup) ou costurando bolas (para uma fábrica em Patos que paga R\$ 1,50 por unidade costurada – julho de 2004). As meninas geralmente não são pagas pelos serviços que executam, uma vez que estes estão inseridos nas atividades domésticas cotidianas.

Quanto aos benefícios do governo federal, a Bolsa Família compreende o Fome Zero, no valor de R\$ 50; a Bolsa Escola, no valor de R\$ 15 por criança cadastrada e o Vale Gás, de R\$ 15. Além destes benefícios, Catingueira conta com o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), com duzentas crianças cadastradas recebendo mensalmente R\$ 25, e com o Agente Jovem, com vinte e cinco jovens cadastrados, recebendo mensalmente R\$ 65. Há ainda o Programa Leite da Paraíba, com cento e cinquenta famílias cadastradas, que recebem diariamente um litro de leite. E, por fim, o Auxílio à Natalidade no valor de R\$ 1.400 por nascituro. Já em 2002, os benefícios do governo federal geravam discussões substanciais na comunidade (Pires 2003:99-100). As aposentadorias como trabalhador rural levantam uma questão sociológica interessante, na medida em que se entende que o indivíduo que não possui sua própria terra depende de um “patrão” para assinar os papéis da sua aposentadoria. Entre o proprietário de terras que assina a papelada e o trabalhador será estabelecido um vínculo, que pode ser reavivado, por exemplo, em momentos de eleições, ou quando o proprietário de terras precisa de uma “ajuda” de qualquer natureza (capinar um terreno, limpar a casa etc.), ficando aquele trabalhador e a sua família para sempre “endividados”. O ato de assinar os papéis é tido como prova da bondade do proprietário de terras – à qual o trabalhador responde com gratidão (Mauss 1974 [1923-24]). No entanto, ultimamente algumas pessoas têm conseguido a aposentadoria através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais sediado na cidade de Catingueira.

Segundo dados do Censo do ano de 2007, Catingueira conta com 4.849 habitantes em uma área territorial de 529,46 Km<sup>2</sup>. Aproximadamente metade da população vive na área rural, enquanto a outra metade vive na cidade. A faixa etária com o maior número de habitante está concentrada dos dez aos catorze anos, com 667 habitantes. Dentre as pessoas residentes com dez anos ou mais de idade, 2.222 habitantes não contam com nenhum rendimento (rendimento nominal mensal), sendo o rendimento nominal mensal médio R\$ 220,85 entre as pessoas residentes com dez anos ou mais de idade, com rendimento.

O Produto Interno Bruto (PIB) no ano de 2003 foi de R\$ 12.662.829, contabilizando um PIB per capita de R\$ 2.772,07 de acordo com o IBGE. Ainda, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de acordo com o PNUD 2000 era de 0,555. Sobre as finanças públicas, em 2003, as receitas orçamentárias realizadas computavam R\$ 2.611.909,84. Destes R\$ 2.012.508,34 eram oriundos do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e R\$ 4.159,56 oriundos do Imposto Territorial Rural (ITR). Em 2004, houve 1.180 matrículas no ensino fundamental, e em 2004 havia 56 docentes no ensino fundamental. Em 2006, Catingueira contava com 3.566 eleitores<sup>10</sup>.

Os dados estatísticos podem auxiliar o leitor a imaginar a realidade social da Catingueira; no entanto, é preciso ressaltar que os dados aqui expostos só podem ser completamente entendidos quando referidos às especificidades locais como, por exemplo, o alto poder de compra do salário mínimo. Em outra oportunidade, escrevi que as famílias que contam com dois salários mínimos são consideradas ricas, o que se evidencia, por exemplo, no fato de que podem se dar ao luxo de comer carne (ou a “mistura”, ou seja, ovos e carne) todos os dias, no almoço e no jantar (Pires 2003: 99).

Para descrever como a vida em Catingueira se move no tempo e no espaço, não poderia deixar de incluir o calendário das festas e de descrever os horários seguidos pela população. A festa do Padroeiro em janeiro e a festa de *João Pedro* (São João e São Pedro comemorados simultaneamente), em junho, são eventos muito significativos. Em grande medida, a cidade vive da memória destas festas. Os comentários das festas passadas

duram até que chegue a próxima. A festa é o momento de criar ou reavivar os laços sociais, entre eles os de parentesco e os de amizade. Também é o tempo das alianças políticas e econômicas. As festas são, em princípio, religiosas, mas ultrapassam as comemorações estritamente religiosas, apesar de nunca prescindirem delas<sup>11</sup>. Há, geralmente, bandas de forró que tocam em praça pública ou bailes na quadra de esportes, onde se cobra um ingresso na entrada<sup>12</sup>. Frequentam as festas tanto a população local e das cidades vizinhas, quanto os chamados “filhos-ausentes”, isto é, pessoas que nasceram na cidade, emigraram por razões econômicas e, segundo os catingueirenses, acabaram por “enricar” (Pires 2003, 2004).

Catingueira acorda cedo, ao raiar do sol, entre as quatro e seis horas da manhã. Quem levanta tarde (depois das sete horas) é considerado preguiçoso. A partir das cinco horas, as pessoas que vão fazer compras em Patos ou viajar aparecem na praça para conseguir lugar nas primeiras viagens das caminhonetas – que fazem o transporte de passageiros pelas cidades vizinhas<sup>13</sup>. Das cinco até as sete horas da manhã, pequenos grupos de três ou quatro homens sentam-se na praça, batendo papo, enquanto suas mulheres varrem a calçada ou preparam o café. A cidade vive uma espécie de efervescência às oito horas da manhã, quando a agência dos Correios e a casa lotérica abrem suas portas. Entretanto, entre as onze e quinze horas, a cidade é quase deserta. Só se movem os grupos de estudantes indo e voltando dos colégios. O restante da população está dentro de casa, almoçando, descansando, tirando uma soneca ou vendo TV. Só depois das dezesseis horas, quando o sol abrandar seu calor, a cidade movimentar-se novamente. Ao cair da noite, salpicam cadeiras de balanço nas calçadas. A praça movimentar-se outra vez com grupos de jovens conversando e casais namorando. Por volta das vinte e uma horas, a praça começa a esvaziar, mas perto das vinte e duas horas e trinta minutos se movimenta novamente, com os estudantes que deixam o colégio. Exceto por alguns bares que ainda estão abertos, à meia noite parece que toda a cidade dorme.

Faz parte dos ritmos sociais catingueirenses o localmente chamado “tempo da política”, sobre o qual Moacir Palmeira (1996, 2001) e Palmeira & Heredia (1995, 1997) discutiram demoradamente. “A política está chegando” é frase que remete ao tempo social em que todas as conversas começam ou terminam falando dos candidatos, em que não há silêncio possível devido aos carros de propaganda, em que, enfim, todas as pessoas estão envolvidas no reavivamento, destruição ou construção de novas alianças políticas. Gostaria de assinalar que as crianças também estão incluídas no “tempo da política” de maneira ativa e efetiva.

Em 2005, durante o meu trabalho de campo, subi a Serra da Catingueira, com mais ou menos umas quinze crianças. A subida da Serra pode ser levada a cabo basicamente com o intuito de pagar promessa ou por diversão (mais informações sobre a Serra serão fornecidas adiante). Naquele dia, na descida da Serra, não me senti bem. As crianças perceberam que algo estava errado, mas não sabiam o quê. De minha parte, não queria compartilhar a causa da minha “fraqueza” porque, naquele momento, eu era a responsável por elas. Coincidiu que, na descida da Serra, elas vinham cantando as músicas dos seus candidatos prediletos. Havia ‘eleitor’ para todos os candidatos, o que incentivava a competição entre as crianças na forma de brincadeiras jocosas. Aconteceu que, um dia depois da subida da Serra, um grupo de crianças – as que cantavam mais exaltadas as músicas da “política” – veio até a minha casa pedir-me desculpas. Meu mau humor, pensavam elas, era devido à cantoria entusiasmada da música de um determinado candidato a prefeito que, por sua vez, não correspondia, segundo

elas, à minha opção de voto! Com isso, vê-se que as crianças também estão fazendo suas escolhas políticas e, ao mesmo tempo, têm um aguçado faro para as opções alheias. Para mais um exemplo de como as crianças envolvem-se na política, R., menina de treze anos, cujo padrinho “Zé Pelado” era candidato a vereador, inventou o seguinte lema para incentivar a sua campanha: “Rim por rim vote no meu padim!”. “Rim” é a expressão oral de “ruim”, assim como “padim” corresponde a “padrinho”. O lema da menina, para além de seu sentido humorístico, tece uma crítica social aos políticos de modo geral. Para ela, todos os políticos são ruins. Ela adverte: se é assim, opte por alguém que você conheça. Sua mensagem é clara: dada a atual conjuntura, em que nenhum político é confiável, vote no meu padrinho, porque este, eu conheço.

De todas as crianças que desenharam<sup>14</sup> em quem elas votariam, apenas uma delas, de seis anos de idade, relutou entre dois candidatos a prefeito. Todas as outras crianças tinham feito previamente as suas opções entre os candidatos daquele ano e as sustentavam com energia. Estas opções geralmente coincidem com as dos seus pais, mas nem sempre. Quando perguntadas as razões para votar em determinado candidato, as crianças enfatizavam, em primeiro lugar, algum grau de parentesco. Se não há nenhum grau de parentesco, um bom candidato é aquele que “dá as coisas ao povo”; em outras palavras, aquele que não nega ajuda. A ajuda pode ser endereçada à comunidade de modo geral, como na redação de L.12.F<sup>15</sup>: “Eu gosto da dona Zuila porque ela dá muitas coisas aos pobres, dá ajuda a quem precisa (...) Ela dá feira de material escolar, dá material de construção de casa”. Mas, muito constantemente, a ajuda é pessoal e especificamente direcionada à família daquela criança. R.12.F escreve: “Se eu fosse votar, eu votaria em Edivan. Porque ele vai fazer a casa da minha mãe. Se eu fosse votar para vereador, eu votaria em Dr. Humberto, porque ele conseguiu a aposentadoria da minha mãe”. A.11.F sintetiza bem as duas grandes razões para se votar em um candidato, quais sejam, ligação de parentesco e generosidade por parte do candidato: “Para prefeito (...) eu voto em Edivan porque, a primeira coisa (...) ele é nosso primo e já ajudou muito a nossa família”.

Razões para não votar em um candidato vão de uma simples antipatia pessoal a promessas não cumpridas, mas a principal razão é a falta de “generosidade” para com o povo. S.12.F escreveu: “Eu não gosto dela [uma candidata à prefeitura] porque um dia vó foi pedir não sei o quê, aí ela disse que não dava. Aí vó e mãe não votam nela. Ela é muito falsa. Como ela quer que alguém vote nela? Ela não fez nada para ninguém. Eu acho que quando ela era do lado do Dão [ex-prefeito], não dava nada para ninguém, nem um centavo”. Esclareço que os bens que os candidatos distribuem através de critérios seletivos são, na verdade, bens de natureza pública – dentre os quais podem estar incluídos uma viagem da ambulância da prefeitura para levar uma criança doente até o hospital em Patos, a inscrição em um programa de benefício do governo federal como o Bolsa Escola ou, inclusive, a facilitação da aposentadoria como trabalhador da agricultura. G.7.F escreveu: “Eu voto nele porque foi ele que deu óculos de mãe, e porque ele deu a chapa de mãe” (chapa é o mesmo que dentadura). Ou ainda T.9.F: “Eu não gosto do Edivan porque ele, em vez de dá o dinheiro aos pobres, ele faz festa”. Parece-me que o político bom é político da família e, além disso, é aquele que distribui dinheiro ao povo. Isso até uma criança de seis anos de idade já sabe. C.6.F., ainda elaborando que tipo de bem participa neste “jogo da generosidade”, escreveu: “Eu votaria nele porque ele é meu pai. E também quando ele recebe dinheiro, ele me dá um real. Quando ele promete que dá qualquer coisa a mim, ele cumpre”. Interessante ressaltar, por último, que as razões para a escolha de um determinado candidato político, segundo as crianças, parecem não diferir daquelas dos adultos.

Quanto à geografia interna, a Rua da Cerâmica é o lado escuro e, podemos assim dizer, criminoso da cidade. Curiosamente, é a rua tida como a mais pobre, com o maior número de casas de taipa. Ali não há iluminação pública, calçamento ou rede de esgoto. Em geral, as pessoas têm vergonha ao dizer que moram naquela rua. Como as casas são distantes uma das outras, na escuridão da noite, a Rua da Cerâmica torna-se “perigosa”. Certa noite, passei naquela rua com um jovem amigo e vimos um carro com o porta-malas aberto estacionado um pouco além da estrada de terra, dentro do “mato”. Meu amigo ficou muito preocupado e pediu que acelerasse o carro, com medo de que se tratasse de assaltantes ou vendedores/consumidores de drogas. Quando chegamos à cidade, ele foi direto para a delegacia avisar aos policiais do fato. Os policiais checaram o que estava acontecendo, reportando ao meu amigo, com um sorriso malicioso nos lábios, tratar-se de um morador da Rua da Cerâmica com a sua namorada. O porta-malas aberto tinha como objetivo simular uma pane mecânica do carro<sup>16</sup>.

A Rua do Açude é também tida como pobre, mas goza de reputação festeira – talvez por sua proximidade com o açude, ponto de lazer para rapazes e moças mais “atiradas”. Ali, beber é uma constante, e namorar, também. A Rua do Olho d’Água já foi considerada o “fim do mundo”, mas hoje, com a construção de várias “casas boas” (julgamento êmico que se refere, dentre outras coisas, ao fato de ter sido usado tijolo na sua construção), é tida como um lugar bom de se morar. Apesar de não ser central, é perto do olho d’água. Uma rua silenciosa não é uma rua considerada boa de se morar, porque ela seria uma rua “esquisita”. Em Catingueira, quando a cidade está parada, isto é, quando não há nenhum tipo de som ligado, diz-se que a cidade ou o dia está “esquisita(o)”. Estar esquisito significa estar silencioso, o que não é considerado agradável. Muitas pessoas reclamam de morar no sítio justamente porque “no sítio é muito esquisito”. Com isso, podemos começar a entender o que sempre me causou muita estranheza durante os meses em que vivi na cidade. O volume da música que se ouve em Catingueira, seja nos bares, casas ou alto-falantes dos carros é altíssimo, especialmente nas festas. No entanto, as pessoas não parecem se incomodar em absoluto. É natural que os jovens gostem do barulho, mas nunca consegui encontrar ninguém da cidade, por mais idoso que fosse, que preferisse o som desligado. As pessoas parecem simplesmente não se incomodar ou, eu diria, parecem até mesmo gostar do som alto. Isso só pode ser entendido, mesmo que parcialmente, se pensarmos na categoria nativa “esquisito”, que foi apresentada acima. O silêncio é esquisito e indica alguma coisa que está parada no tempo e no espaço. Não se desenvolve, não cresce, não gera dinheiro. Parece que a música – e quanto mais alta melhor – é um signo do progresso, que vem em forma de alegria e conseqüente bebedeira, festa, dança. Posso dar um exemplo: o Coreto, um bar na região central, geralmente fica com as portas fechadas em dias de semana. Mas quando a prefeitura faz o pagamento, ou quando os rapazes que vendem sapatos pelas cidades voltam a Catingueira, o Coreto sempre abre suas portas. Não importa qual seja o dia da semana. E, de Coreto aberto, subentende-se música tocando<sup>17</sup>.

O Alto é um conjunto de ruas sem urbanização, iluminação ou rede de esgoto. Como a Rua da Cerâmica, é tido como lugar de gente pobre, mas sua particularidade é ser lugar de muita confusão e brigas. No entanto, é preferível morar no Alto que na Rua da Cerâmica – considerada erma e, por isso, como já afirmei, perigosa. Ali, ao contrário da Rua da Cerâmica, há uma grande concentração de casas, o que desestimula as atividades ilícitas, ao mesmo tempo em que estimula as brigas familiares e entre os vizinhos. A Pista é o lugar onde está a prefeitura, os postos de saúde, a padaria e os maiores bares. É por onde passam o ônibus e as caminhonetas que fazem o

transporte de passageiros e cargas. Pela Pista, a cidade recebe os visitantes – entre eles, os “filhos-ausentes”. É perto do Coreto, na região central, que acontecem as festas públicas. No centro da cidade (também chamado “a rua” – ver nota 16 – ou “a cidade”) está a igreja Católica e, à sua volta, uma praça. O prestígio da localização das residências é medido, em parte, pela sua distância em relação à igreja Católica. O Centro Espírita está localizado em uma rua periférica próxima ao centro. A igreja Assembléia de Deus está localizada no caminho para o Açude do Prefeito, distante do centro, enquanto a igreja do Evangelho do Amor de Deus fica na mesma rua da igreja Católica. E, finalmente, a igreja Seguidores de Cristo fica localizada na Rua da Cerâmica.

O Açude dos Cegos abastece a cidade de Catingueira e todas as cidades vizinhas. Além disso, é usado para lazer, pescaria e irrigação das terras próximas. O Açude do Prefeito, por sua proximidade com a cidade, é usado para lavar roupa, cavalos, jegues, carros e para o lazer masculino, especialmente infantil. Catingueira conta com quatrocentas e vinte propriedades rurais chamadas de “sítios” (informação do Incra com base em Catingueira referente ao ano de 2005). “Ser do sítio” – não importa qual –, em oposição a morar na cidade, é tido como marca indelével e justificativa para o fracasso ou a estupidez. Se um menino do sítio tem dificuldades em aprender a ler, sua professora dirá: “Ah, é do sítio”, lavando suas mãos.

A *Serra da Catingueira* também faz parte do painel geográfico da cidade. Ela é cantada nos versões de Inácio da Catingueira, nas músicas do grupo O Cordel do Fogo Encantado<sup>18</sup> e na saudade dos catingueirenses. Inácio da Catingueira é considerado um dos maiores repentistas de toda a história. Ele nasceu em uma fazenda na região onde hoje fica Catingueira. Era negro, escravo e analfabeto mas, com sua astúcia e inteligência, foi capaz de derrotar Romano do Teixeira, repentista também afamado, porém branco, livre e formalmente educado. A peleja entre os dois cantadores teria durado oito dias e oito noites sem intervalos (Nunes 1979:19; Sátyro 1979:129). O “gênio negro do sertão” morreu no ano de 1879 (Nunes 1979:15). Os catingueirenses exaltam o nome de Inácio e a sua ligação com aquela terra sempre que é preciso afirmar as particularidades da sua gente. Na praça da cidade, há uma estátua de Inácio em tamanho natural com o seu pandeiro na mão – instrumento pouco usual nos repentes naqueles tempos.

Na Serra, foram instalados dois cruzeiros. Um em homenagem a São Sebastião, no alto da Serra, e outro, no meio, em homenagem a Santo Antônio. No Cruzeiro de São Sebastião há uma “casinha” de tijolos, onde são deixados ex-votos e acendem-se velas. Subir a Serra é um divertimento para a população jovem, principalmente na época da festa do padroeiro. Os grupos geralmente sobem a Serra ao nascer do dia, por volta das quatro ou cinco horas, para não se expor ao sol muito forte. Geralmente, vão munidos de bebida alcoólica e comida – a farofa/cuscuz com galinha é altamente apreciada. Os rapazes e as moças, muitas vezes, depois de passarem a noite no baile, sobem a Serra quando a “barra do dia” começa a aparecer. Cansados, descansam tirando uma soneca no alto da Serra, onde é sempre “frio”, em virtude do vento. Nos meses de chuva, a chamada *Cachoeira da Mãe Luzia* fica cheia de água, propiciando deliciosos banhos em dias quentes. A chamada “Mãe Luzia” é um poço de pedras que fica desoladamente vazio em tempo de seca. Mas quando chove, todos os pocinhos se enchem, fazendo a festa de quem sobe a Serra. Quando o poço da Mãe Luzia está muito cheio, ele “sangra”, ou transborda, donde o nome de cachoeira. Diz-se que Mãe Luzia era uma mulher que morava no alto da Serra e, um dia, estava lavando roupa naquele poço quando foi comida por uma onça<sup>19</sup>.



Os locais, muito constantemente, quando sobem a Serra, levam fogos de artifício para soltar quando alcançam o seu cume. Os fogos de artifício atestam o grande feito e, ao mesmo tempo, dão graças a São Sebastião. Se as pessoas escutam fogos de artifício pela manhã, elas dirigem o olhar para o alto da Serra, tentando identificar quem está a soltar aqueles “foquetões” para santo. Muitas vezes, elas sabem quem está lá em cima porque a notícia de que um grupo vai subir a Serra na manhã seguinte corre ligeira. Também sobem constantemente a Serra, com seus cachorros bravios, os caçadores. Nela, encontram alimento para o consumo familiar ou para o comércio. Há ainda famílias que moram na Serra, vivendo da extração e venda de pedras e, durante o inverno, da agricultura. Os membros destas famílias são acostumados a subir a Serra com rapidez e, mesmo com a dificuldade, geralmente as crianças não deixam de freqüentar a escola. Demora-se em média uma hora e trinta minutos para a subida e uma hora para a descida, em ritmo moderado. Subir a Serra, enfim, é tido como um grande feito, recordação para a vida toda, atividade para jovens ou para quem se endividou com o santo e precisa pagar promessa. Na Serra também está localizada a *Furna*, uma caverna da qual nunca ninguém conseguiu alcançar o fim; os que tentaram, diz-se que ou desistiram, ou nunca mais voltaram. Para entrar na Furna, o sujeito deve estar sem pecado, e levar consigo uma vela benta, que será a única fonte de luz capaz de iluminar a escuridão da mesma. Lanternas, por mais que já tenham sido experimentadas, nunca resistem e se queimam inexplicavelmente. O sujeito que quiser atingir o fundo da Furna, lugar onde o aguardará uma série de surpresas – inclusive, possivelmente, o *Carneiro de Ouro*<sup>20</sup> (ver Pires 2007) –, deve usar uma corda de grande extensão a fim de não se perder no interior da caverna. Um grupo de amigos deve ficar na parte exterior segurando a corda, a fim de puxá-la, em caso de necessidade. Além disso, a Furna é habitada por imensas quantidades de morcegos e outras criaturas que se valem da escuridão, como os mal-assombros, cobras e onças – sem falar que, à medida que o sujeito vai adentrando, a Furna vai se tornando cada vez mais estreita, chegando ao ponto de o sujeito ter que se locomover arrastando-se.

## CONCLUSÕES

---

Neste artigo descrevi brevemente alguns aspectos relevantes da vida social de Catingueira. Esta cidade é tida aqui como um lócus de observação científica. O Nordeste Brasileiro, quiçá o país, é formado por muitas “cingueiras”: cidades tradicionalmente campesinas, mas cuja população divide-se entre as áreas rural e urbana, entre o desejo de emigrar para as grandes cidades e o desejo de possuir o seu pedaço de terra. Cidades pequenas que dependem economicamente do Fundo de Participação dos Municípios para arcar com as suas despesas básicas, como a folha de pagamento da prefeitura. Cidades que sofrem com a estiagem. Lutam contra altas taxas de analfabetismo, contra a desnutrição e a subnutrição, e toda sorte de problemas decorrentes destas. Cidades que oferecem poucas perspectivas de crescimento econômico aos seus habitantes, que muitas vezes optam por emigrar para conseguirem melhorar de vida. Como se não bastasse, cidades que, como Catingueira, têm os seus políticos envolvidos em escândalos de corrupção de nível nacional.



Conhecer os ritmos e as instituições sociais da cidade pesquisada e ser capaz de descrevê-los faz parte do ofício do antropólogo. Neste pequeno artigo, talvez por demais descritivo, tenho como objetivo compartilhar algumas observações feitas ao longo dos anos de pesquisa nesta cidadezinha do sertão paraibano. O artigo pode servir de ponto de partida para o desenvolvimento de outras pesquisas: como mapeamento geral de uma região no cenário brasileiro e como incentivo para futuros desdobramentos teóricos e pragmáticos. Como vimos, o que não falta é tema a ser aprofundado. Alguns deles podem ser enumerados: a política local e suas implicações com o chamado coronelismo; a geografia social da cidade e suas implicações sócio-econômicas; o lugar da igreja católica e a dinâmica do sagrado; as festas e sua capacidade de deflagrar conflitos e soluções para problemas de toda sorte; e a recepção e os desdobramentos trazidos pela introdução de políticas de distribuição de renda na região.

---

*Flávia Ferreira Pires é mestre e doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

## NOTAS

- 1 Este artigo é uma reelaboração do segundo capítulo da minha tese de doutorado defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, cujo título é “Quem tem Medo de Mal-Assombro? Religião e infância no semi-árido nordestino”. Agradeço aos membros da banca pelas suas preciosas considerações.
- 2 *Caesalpinia pyramidalis* Tul. “É uma arvoreta com até 4 m de altura. Folhas bipinadas com 5-11 folíolos, sésseis, alternos, obtusos, oblongos. Flores amarelas dispostas em racemos pouco maiores ou tão longos quanto as folhas. Vagem achatada de cor escura. Madeira para lenha, carvão e estacas. É uma das plantas sertanejas cujas gemas brotam às primeiras manifestações de umidade anunciadoras do período das chuvas. Então o gado procura as suas folhinhas com avidez, para pouco depois desprezá-las devido ao cheiro desagradável que adquirem ao crescer. As folhas, as flores e a casca são usadas no tratamento das infecções catarrais e nas diarreias e disenterias. É uma planta característica das catingas” (<http://www.esam.br/zoobotanico/vegetais/catingueira.htm>. Acesso em 21 de julho de 2005).
- 3 *São Sebastiãozinho* é o nome dado à pequena imagem adquirida como primeira imagem do santo padroeiro na época da promessa inicial. Ela ainda hoje permanece na igreja. Durante a festa do padroeiro, esta imagem peregrina pelas casas dos fiéis, pernoitando a cada noite na casa de um devoto. Durante as celebrações das missas, ela fica em um lugar privilegiado. Além disso, nas procissões é ela que trafega pelas ruas, sustentada pelo povo. Esta imagem, por estar tão presente na vida daqueles que participam da festa religiosa, adquiriu uma conotação humana. Mesmo tendo sido feita de um material perecível, ela é tida como um ente poderoso, capaz de realizar milagres. Por isso, ao se referir a ela, não se diz *a imagem de São Sebastião*, se diz o próprio *São Sebastião*. E em se tratando da primeira imagem adquirida, “*São Sebastiãozinho*”, não se trata da encarnação no barro de uma entidade exterior a ele, mas de um barro tornado santo. O hino de São Sebastião, cantado nas missas e novenas durante a festa de janeiro, revela a esperança no santo, já testada e comprovada na promessa inicial: “*Livrai-nos da peste, São Sebastião*” (Pires 2003:24). A imagem do santo pode ser entendida como um “feitiço”, no termos de Latour (2000, 2002 [1996]; vide também Velho 2005).
- 4 A Serra da Catingueira, chamada localmente apenas de “Serra”, é local de pagamento de promessas e é tida como embelezadora da paisagem da cidade; abriga dois cruzeiros, moradores e plantações. Falaremos mais sobre a Serra e sua importância para a cidade no decorrer deste artigo.
- 5 A cidade mudou de nome várias vezes. Este processo parece ter se verificado também em outras cidades, como analisa Otávio Velho (1981 [1972]). Pela lei n.º 836, de 9 setembro de 1887, o lugarejo que se constituía recebeu o nome de *São Sebastião da Catingueira*, em virtude do milagre alcançado. Pelo decreto n.º 27, de 23 de julho de 1890, o lugarejo se tornou *Jucá*. Em 1933, pelo decreto n.º 400, o povoado se transformou em distrito, também sob o nome de *Jucá*. Em 15 de novembro de 1938, o distrito teve sua mais antiga denominação reimplantada. Tornou-se município pela lei n.º 2144, de 15 de julho de 1959.
- 6 Veja extrato de entrevista com uma moradora no ano de 2002 sobre a promessa inicial (Pires 2003: 26):  
 “- F.P. (Flávia Pires): Aqui eles falam que a cidade nasceu de uma promessa, a senhora sabe contar? (...)  
 - Sebastiana: (...) conta assim, né, que foi uma doença que houve na Catingueira aqui, né, parece que o nome era cólera... É, eu sei que deu essa doença, e inventaram de fazer essa promessa, que São Sebastião protegesse pra num chegar até a Catingueira e diz-se que trocava São Sebastião e fazia uma capela, e de fato, fizeram mesmo. E num chegou aqui não, veio até a Mina do Ouro, e o povo contava, né”.  
 Veja também extrato de entrevista com dois senhores no ano de 2002 sobre o proprietário dos terrenos da cidade (Pires 2003:25):  
 “- Sebastião: Quer dizer que é o seguinte, a cidade, toda a cidade tem um padroeiro dela, né? Aí quem manda é o padroeiro, aí a festa é do Padroeiro.  
 - F.P.: Mas o padroeiro manda em quê?  
 - Sebastião: Em tudo, nos terrenos....  
 - José: Essa Serra toda é dele. Aqui, até acolá no açude...  
 - Sebastião: Se você quer comprar um chão aí você tem que falar com o padre.”

- José: Com o bispo.
- Sebastião: Fala com o padre aí o padre vai ver e o bispo libera. Senão....
- José: Não compra não.
- F.P.: Nada com a prefeitura não?
- Sebastião: Não, a prefeitura num tem nada. Nada, nada.
- José: Nada com a prefeitura não. A prefeitura só tem o local dela”.

- 7 Nos anos anteriores a 2005, no lugar onde hoje funciona a Igreja Pentecostal do Evangelho Amor de Deus, funcionava a Igreja Congregacional. Infelizmente, não observei detalhadamente o processo que culminou com o fim de uma igreja e o estabelecimento da outra.
  - 8 Além destes templos religiosos, existem na cidade algumas capelas. Uma delas, a Capela do Vaqueiro, é conhecida como mal-assombrada (Pires 2007).
  - 9 Há uma vasta literatura que trata do chamado “coronelismo”. Entre os clássicos, ver Leal (1975), Queiroz (1976).
  - 10 “Uma revisão eleitoral feita pelo TRE no município de Catingueira, no sertão paraibano, resultou no cancelamento de 706 títulos de eleitores fantasmas. No universo de 3.566 eleitores, 2.860 participaram do recadastramento e tiveram os domicílios eleitorais homologados. A população de Catingueira é de 4.465 habitantes – LKA.” (Fonte: <http://jornaldaparaiba.globo.com/poli-4-180606.html>, em 18 de junho de 2006).
- Em maio do ano de 2006, o ex-prefeito de Catingueira João Felix de Souza teve a sua prestação de contas do ano de 2004 reprovada pelo Tribunal de Contas do Estado da Paraíba, sendo intimado a devolver o valor de R\$ 47.800,00 para os cofres públicos. O valor, na sua maior parte, é referente a despesas não comprovados do INSS (Fonte: <http://www.jornalonorte.com.br/noticias/?63304>, acesso em maio de 2006). O mesmo ex-prefeito está sendo investigado pela sua participação na chamada Máfia dos Sanguessugas, no que se refere ao escândalo das ambulâncias, considerado uma dos maiores esquemas de corrupção já planejados pelos parlamentares do país. (<http://wscom.digivox.com.br/noticias.jsp?pagina=noticia&id=75810&categoria=29>, acesso em 26 de julho de 2006).
- 11 Vide Pierre Sanchis (1983), assim como Lea Perez (1994, 1996, 2002), para belas análises sobre as festas.
  - 12 Existem em funcionamento duas quadras de esportes na cidade. Uma quadra coberta, que fica dentro do colégio municipal, e outra recentemente construída pela prefeitura, que fica na chamada “pista”, ou seja, na estrada que faz a ligação de Catingueira com Patos (BR 361). Além disso, há também o campo de futebol (não coberto, não gramado) que faz a diversão da cidade quando há campeonatos nas tardes de domingo. O futebol é o esporte mais popular na cidade. Com os torneios organizados pela prefeitura, incentivou-se a organização dos moradores em times, dentre os quais dois são femininos.
  - 13 O transporte, feito de maneira ilegal, utiliza caminhonetes, geralmente compradas com o benefício de isenção de impostos para o proprietário rural. Na carroceria, são improvisados bancos de madeira para os viajantes. As caminhonetes são, na minha opinião, uma versão atual do “pau de arara”, afirmação com a qual meus informantes não concordariam, porque vêem neste transporte algo de moderno e eficiente. Na parte da frente da caminhonete – onde se viaja com mais conforto – viajam, em princípio, as pessoas que têm acesso à caminhonete em primeiro lugar. No entanto, as mulheres e os idosos têm certa preferência. Parece-me, entretanto, que a possibilidade de viajar nos bancos da frente depende mais da relação que se estabelece com o motorista ou dono da caminhonete (que nem sempre coincidem) e, principalmente, do *status* social daquela pessoa. Entre uma jovem professora da cidade e um idoso do sítio, a professora sentar-se-ia na frente e o(a) idoso(a) subiria na parte de trás. É preciso acrescentar que mesmo os que viajam na parte da frente não usam cinto de segurança. Algumas vezes vi as caminhonetes pararem de rodar por algumas horas em função do conhecimento de uma *blitz* da Polícia Rodoviária. Para a população, por sua vez, a proliferação das caminhonetes representa conforto, uma vez que o ônibus (transporte legal) só passa pela cidade de duas a três vezes por dia, em horários inconvenientes.
  - 14 Na pesquisa que culminou com o meu doutorado trabalhei com técnicas de pesquisa complementares, como os desenhos aqui citados e as redações citadas adiante. Para maiores informações ver Pires (2007 e em preparação).

- 15 Os informantes são identificados da seguinte forma: iniciais do nome, idade, sexo.
- 16 Veja o que D. C., uma senhora de aproximadamente sessenta anos, moradora da Rua da Cerâmica, disse: “Às vezes eu num vou pra igreja porque aí num tem luz, é no escuro, mas o menino botou lâmpada. Tava jogando umas pedras... [Quem?] Quem sabe? Um malfazejo ruim. Num tá vendo, minha fia, como essa rua aqui como é. Aqui é esquisito, tu num tá vendo não, que é esquisito? É mesmo que um sítio, menina! Olhe, de primeiro eu falava os povo: ‘Vocês vende tanta as coisas aqui na *rua*. Na rua da Cerâmica que a gente é pobre, mas às vezes a gente compra umas coisa. Às vezes passa uma pessoa, tá com precisão a gente compra’. Pense, menina, aqui num andava ninguém. Aí, agora eles passa” (Pires 2003: 16). Sobre o conceito de “esquisito” ver a nota a seguir.
- 17 A título de informação, a música que se escuta em Catingueira é, basicamente, o chamado “forró brega”, com o qual as bandas Calcinha Preta, Cheiro de Menina, Kalipso, Gaviões do Forró, Magníficos, Limão com Mel etc. fazem grande sucesso. Resta dizer que os carros de som dos candidatos, na época da política, não fugiam à regra do volume excessivo.
- 18 Ver como exemplo a música “Cordel Estradeiro”.
- 19 Existe até uma comunidade no site *orkut* chamada “Já subi a Serra de Catingueira”, atestando a popularidade do passeio.
- 20 O Carneiro de Ouro é um encantado, que mora na Serra, e que trará riqueza a quem o vir. Alguns dizem que ele mora na Furna, mas que pode ser visto em todo o alto da Serra pelo reluzir do seu corpo de ouro. Segundo Cascudo (1984: 199), o Carneiro de Ouro é uma versão do Carneiro Encantado. A lenda do Carneiro Encantado acontecera em Passagem de Santo Antônio, na divisa do Piauí com o Maranhão, às margens no rio Parnaíba. Um monge missionário que voltava com um saco de esmolos para o convento foi assassinado. Os ladrões assassinos, arrependidos do sacrilégio, trataram de enterrar ali mesmo o monge junto a todo o dinheiro roubado. Neste local do enterro, é visto um grande carneiro branco com uma estrela radiante na testa, sinal de que ali se encontra toda a riqueza. Sá (1913) conta história parecida, que se passa em Campo Maior, no Piauí, na Serra de São Antônio, e que dá origem ao Carneiro de Ouro. Um grande carneiro de ouro, todo vestido de luz e com uma estrela na testa, tem-se apresentado a algumas pessoas, às vezes durante o dia, às vezes durante a noite. Dizem que ele berra junto a uma enorme corrente de ferro, como que indicando que naquele local existem grandes riquezas e grandes encantos. Mas, como uma só pessoa, ou mesmo duas ou três, não são capazes de carregar o achado precioso, quem o vê volta à vila e reúne todo o povo para buscar o velocino. Chegando, porém, ao lugar, não encontram mais sequer sinal da corrente ou do carneiro. Dantas (s/d:97-100) conta que, em Serra Talhada, Pernambuco, na Vila Bela, existe um gruta em cuja entrada aparece um carneiro de ouro de brilho lusco-fusco. Dentro da gruta, mora uma enorme e apavorante jibóia que não deve ser morta por se tratar de uma linda princesa encantada. Para entrar na gruta, é preciso ter cuidado com os morcegos e com a jibóia (em hipótese alguma matá-la). Além disso, é imprescindível levar consigo sete velas bentas por Padre Cícero. Essa versão é citada também por Melo (1930). Vê-se semelhanças entre essas versões e aquela encontrada em Catingueira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASCUDO, Luís da Câmara. 1984 (5ª.ed). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- DANTAS, Paulo. s/d. *Estórias e Lendas do Norte e Nordeste*. São Paulo: Literat.
- HEREDIA, Beatriz. 1979. *A Morada da Vida. Trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LATOUR, Bruno. 2000. "Fractures/fractures: de la notion de réseau à celle d'attachement". In André Micoud e Michel Peroni (eds.) *Ce Qui Nous Relie*. La Tour d'Aigues: Éditions de L'Aube.
- \_\_\_\_\_. 2002 [1996]. *Reflexão sobre o Culto Moderno dos Deuses Fe(i)ltiches*. Bauru, SP: EDUSC.
- LEAL, Victor Nunes. 1975. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega.
- MAUSS, Marcel. 1974 [1923-24]. "Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". In *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Edusp.
- MELO, Mário. 1930. "Lendas Pernambucanas". *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano* XXIX: 33-36. Recife.
- NUNES, Luiz. 1979. *Inácio da Catingueira – O Gênio Escravo*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba.
- PALMEIRA, Moacir. 1996. "Política, Facções e Voto". In M. Palmeira e Márcio Goldman (orgs.) *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- \_\_\_\_\_. 2001. "Política e Tempo: nota exploratória". In Mariza Peirano (org.) *O Dito e o Feito. Ensaio de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- PALMEIRA, Moacir & Beatriz Heredia. 1995. "Os Comícios e a Política de Facções". *Anuário Antropológico* 94: 31-94. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- \_\_\_\_\_. 1997. "Política Ambígua". In Patrícia Birman, Regina Novaes & Samira Crespo (orgs.) *O Mal à Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- PEREZ, Léa Freitas. 1994. "Lieu des Fêtes au Brésil". *Internationale de l'Imaginaire* 2:81-93.
- \_\_\_\_\_. 1996. "Pour une Poétique du Syncrétisme Tropical". *Les Cahiers de l'Imaginaire* 13:9-16.
- \_\_\_\_\_. 2002. "Dionísio nos Trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo. Por uma antropologia das efervescências coletivas". In Mauro Passos (org.) *A Festa na Vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes.
- PIRES, Flávia Ferreira. 2003. *Os Filhos-Ausentes e as Penosas de São Sebastiãozinho*. Etnografia da Festa da Catingueira (PB). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional ([www.antropologia.com.br](http://www.antropologia.com.br) volume 22, seção Divulgando Seu Trabalho).
- \_\_\_\_\_. 2004. "Quem Vai Comer da Galinha? Ricos e Pobres, Católicos e Crentes no sertão da Paraíba". *Religião e Sociedade* 24(1):65-84.

PIRES, Flávia Ferreira. 2005. "A Lei é o Santo: mapeando as redes sociais da Catingueira". *Teoria e Sociedade* 15(01): 84-109. Belo Horizonte: UFMG.

\_\_\_\_\_. 2007. Quem Tem Medo de Mal-Assombro? Religião e Infância no Semi-árido Nordeste. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

\_\_\_\_\_. em preparação. "Ser Adulta e Pesquisar Crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica".

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. 1976. *O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira e Outros Ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega.

SÁ, Leônidas. 1913. *Folclore Piauiense*. "Litericultura" IV(126). Teresina (PI).

SANCHIS, Pierre. 1983. *Arraial: festa de um Povo - as romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

SÁTYRO, Ernani. 1979. "O Gênio Negro do Sertão". In Luiz Nunes, *Inácio da Catingueira – O Gênio Escravo*. João Pessoa: Estado da Paraíba – Secretaria de Educação e Cultura.

VELHO, Otavio. 1981 [1972] *Frentes de Expansão e Estrutura Agrária*. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. 1995. *Besta Fera: recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará.

## **Cidade, Casa e Igreja: sobre Catingueira, seus adultos e suas crianças**

### **RESUMO**

---

Este é um artigo de caráter descritivo e etnográfico que apresenta a vida cotidiana de uma cidade pequena no semi-árido da Paraíba. O objetivo é situar a cidade de Catingueira e os catingueirenses, abrangendo breves aspectos sócio-econômicos, políticos, geográficos, religiosos, estatísticos. Além disso, discuto como as crianças estão presentes neste contexto, dando destaque às idéias infantis, principalmente no que diz respeito à política.

**PALAVRAS-CHAVE:** crianças, infância, semi-árido, vida cotidiana.

## **Church, House and Village: children's lives in semi-arid Northeast Brazil**

### **ABSTRACT**

---

This is an ethnographic descriptive paper that presents the everyday life in a village in the semi-arid region of Northeast Brazil. The objective is to situate the people and the village, discussing various aspects of the community life. Additionally, the paper discusses children's political ideas and day-to-day lives.

**KEY WORDS:** children, childhood, Northeast Brazil, everyday life.



